

Um impressionante testamento
de extraordinária fé

Morte de um cristão

WILLIAM F. BUCKLEY, JR.

*Redator da «National Review» e autor
de mais de uma dezena de livros*

CHARLES Pinckney Luckey, de Midlebury, Connecticut, pastor da Igreja Congregacionista, como de hábito, fazia de motocicleta, naquela tarde, as suas visitas ministeriais. De repente, ao dobrar uma esquina desequilibrrou-se do veículo e caiu.

Nessa noite, chegou a casa um pouco enlameado, mas isso não o preocupava, pois sempre se vestia muito à vontade, embora sem relaxamento. Sua maneira despretensiosa é que o tornava tão popular entre os membros de sua congregação.

O que o encabulou foi que, sendo ele um homem de 50 anos, fisicamente perfeito, alto, bem constituído e de bons traços, aparentando uns 30 anos e com um físico de corredor de grandes distâncias, pudesse ter perdido o equilíbrio. Por isso, resolveu con-

sultar um médico, suspeitando que tivesse qualquer coisa de anormal no canal auditivo. O médico examinou-o e não encontrou nada; todos esperavam que o mal, fosse qual fosse, desaparecesse.

Não desapareceu. Luckey começou a perder a visão e, em poucas semanas, a coordenação motora do lado esquerdo. Por volta de dezembro, estava cego. Uma legião de especialistas ia seguindo atentamente a deterioração de seu quadro clínico; por fim, foi pronunciado um nome que fez gelar o sangue até mesmo dos médicos mais endurecidos. O mal foi diagnosticado como sendo a doença de Jakob-Creutzfeldt, da qual há registro de apenas alguns casos: algo como degeneração galopante das células nervosas. Prognóstico: mais seis meses de vida para ele. Causa? Não se sabe.

Levaram Charles Luckey para o Centro Médico Presbiteriano de Columbia, em Nova York, para «confirmar» o diagnóstico. Só então ele entrou em depressão, quando o massacraram com perguntas e exames médicos para apurar cientificamente a deterioração física e mental. Antes e depois dos testes, mostrava-se obstinadamente alegre e afetuoso, ditando à sua secretária cartas de despedida para os amigos, cartas de uma elevada e rara dignidade, que ele já trazia consigo desde adolescente. No domingo anterior ao Natal, amparado pelo filho de 17 anos, subiu ao púlpito e pregou então o seu último sermão a uma congregação invadida pelo desgosto e pela admiração.

A crise tardou pouco a vir. Chamou a secretária, a quem ditou uma carta que enviou a alguns amigos e que foi considerada pelo venerando capelão da Universidade de Yale como «o credo de Fé Cristã mais comovedor, escrito nestes tempos».

«Que é que faz um cristão», ditou Charles, «quando defronta o abismo de sua própria morte e os médicos já lhe disseram que a enfermidade está lhe destruindo irremediavelmente o cérebro e que a sua personalidade inteira poderá ser torcida, retorcida e transformada? Terá o cristão *então* o direito à autodestruição, especialmente se tem conhecimento de que sua nova personalidade poderá gerar um monstro? Bem, depois

de 48 horas de reflexão e meditação profundas, senti verdadeiramente que, em última instância, um cristão tem de ver a vida como uma dádiva de Deus, e todas as preciosas gotas de vida não foram merecidas, mas são uma graça conferida amorosamente pelo Criador, o que não dá ao cristão o direito de recolher essas gotas e secá-las.

«Julgo, portanto, insustentável a hipótese de suicídio, não porque me falte coragem para apagar uns últimos sopros de vida, mas sim pela minha fé profunda e inabalável no Criador, que foi quem me deu o discernimento em primeiro lugar. E o resultado é que aqui estou, deitado no meu leito, cego, acreditando no amparo todo-poderoso e feito de amor do grande Criador que já me conhecia e amava antes de eu ser formado no ventre de minha mãe. Não penso, no entanto, que seja errado pedir-lhe um breve alívio para este corpo consumido e devastado.

«Afetuosamente», acabou ele a carta com modéstia, «à minha congregação e aos meus amigos, se a acharem digna de apreciar.»

Apreciei-a e bastante, e dei-a a ler a muitos, com uma nota de que a oração final fora, então, atendida. Luckey entrou em estado de coma duas semanas mais tarde, e em 20 de janeiro de 1975 morreu. Não houve alteração da sua personalidade. Os poderes terríveis da moléstia de Jakob-Creutzfeldt não conseguiram, afinal, atingi-lo. ▲